

Em criança, na aldeia beirã de meus pais, que considero tanto sua quanto minha, ouvia nas noites de Verão sentado nos bancos laterais do fontanário, e nos serões de Inverno recolhido junto à lareira, velhos sábios, contadores de histórias de palavras proverbiais.

Histórias marcantes pela sua simplicidade, conteúdo e essência oculta. Da maior parte tenho vaga lembrança, mas estou certo de que os ensinamentos de si jorrantes, acompanhados pelo exemplo de vida dos seus narradores, em momento algum me desampararam.

No primeiro período da adolescência, destinado a frequentar o seminário, quer por vocação própria quer pela influência cultural dos párocos que pela aldeia se sucediam, foram as parábolas evangélicas que me deleitaram, por contraposição às primeiras obras disponíveis que li dos filósofos gregos e modernos, generosamente distribuídas de terra em terra pelas bibliotecas itinerantes da Gulbenkian.

Sempre apreciei a síntese, a capacidade de muito dizer com o menor dispêndio possível de palavras, já que estas mais não são do que símbolos, espelhos retorcidos da realidade.

As histórias deste livrinho são fundamentalmente de origem clássica – *umas sufis, outras zen, budistas, cristãs, algumas quase anedóticas, e ainda das múltiplas tradições deste pequeno planeta* –, contando-se algumas recentes, e outras pessoais.

Em cerca de duas centenas que compilei, distingui pouco mais de meia centena, que adaptei e ordenei com critérios subjectivos, e como tal passíveis de crítica. Exterminei a maior parte, por considerar a inevitável repetição de eventuais conclusões ou comentários pessoais. Releva aqui, a influência do Anthony de Mello, S.J., que me foi dado a conhecer há quase duas dezenas de anos pelo meu amigo Jacob, missionário de S. João Baptista, actualmente na Missão de Murrupula, Moçambique.

São pequenas histórias, que mais do que lidas terão de ser “sentidas”, somente assim produzindo efeito de relevo, consubstanciado na transformação pessoal, que advirá sem esforço ou constrangimento.

A ILUMINAÇÃO

- Que significa ser iluminado?
- Ver.
- Ver o quê?
- A banalidade do sucesso, o vazio dos empreendimentos, o nada do esforço humano – disse o Mestre.

O discípulo ficou consternado:

- Mas isso não é pessimismo e desespero?
- Não. É o arrebatamento e a liberdade da águia a planar sobre uma ravina impenetrável.

Anthony de Mello

MUDAR OU NÃO MUDAR O MUNDO

Um Sufi, de nome Bayazid, afirmou que durante a sua adolescência pedira insistentemente a Deus nas suas orações, que lhe desse a força necessária para transformar o mundo. Os anos foram passando, e o homem feito apercebeu-se da inexistência de qualquer mudança, em qualquer indivíduo. Mudou a oração, pedindo ao Senhor que lhe concedesse a graça de modificar os que o rodeavam, familiares, amigos, e quem sabe, alguns conhecidos. Já velho, com a morte à espreita, sem que o seu esforço tivesse produzido frutos relevantes, alterou uma vez mais a oração: pediu a graça da transformação pessoal.

Se o tivesse feito desde o início, não teria desperdiçado a maior parte da sua vida, como desperdiçou.

MUDAR SEM ESFORÇO

Um jovem de uma pequena cidade do interior, levava uma vida dissoluta, frequentando bordéis, bebendo em demasia, cometendo actos ilícitos, não se interessando minimamente pelo seu futuro.

A reprovação era geral. Amigos, familiares, conhecidos, e em especial o próprio pai, não cessavam de o reprovar e recriminar. Haviam esgotado todos os argumentos, todos os modos de dissuasão.

- Muda meu filho. Não podes continuar com a irresponsabilidade que te mina e nos afronta e tanto entristece. Não te levará a lado algum. Temo pelo teu futuro. Que será de ti quando a morte me levar. Tenho a alma numa tristeza fúnebre.

Praticamente todos os dias a mesma pregação, os mesmos ralhos.

- Muda... Muda... Transforma-te... Muda...

No entanto, o jovem inadvertidamente continuava a gozar das delícias do amor, da bebida, das longas noitadas, de um doce nada fazer.

O pai, completamente exasperado, percebendo que todos os esforços resultavam infrutíferos, desistiu de lutar, dizendo:

- Sei agora que nada posso fazer por ti. Esgotei todos os meus recursos, e as forças faltam-me. Estou velho, doente, exausto, consumido pela tua própria desgraça e sem capacidade para te auxiliar. Mas és meu filho, e como tal amo-te, tanto quanto te amei, criatura indefesa e frágil no dia do teu nascimento; tanto quanto ao teu irmão, venerado e dignificado pelo seu comportamento exemplar. Se é isso que pretendes, se és feliz assim, não mudes, amo-te como és. Nunca deixarei de te amar.

Estas palavras tocaram o jovem, ficando retidas no seu inconsciente, que num curto espaço de tempo, e sem que disso tomasse consciência, mudou.

O PALHAÇO...

O Mestre não era pomposo, de maneira nenhuma. O riso hilariante e desenfreado instalava-se sempre que falava, para consternação dos que levavam a sério a espiritualidade, e até a si próprios.

Um visitante disse decepcionado:

- O homem é um palhaço!
- Não, não – retorquiu um discípulo -. O Senhor entendeu mal: o palhaço faz com que se ria dele. O mestre faz com que se ria de si mesmo.

Uma história de Anthony de Mello

UM PALAVRÃO TRANSFORMADO EM ORAÇÃO

O Profeta Maomé presidia à oração da manhã numa mesquita, encontrando-se no meio dos presentes um Aspirante.

Maomé leu a passagem do Alcorão em que o faraó dizia ao povo:

- Eu sou o vosso Deus.

Face a tal blasfémia, o Aspirante indignou-se e falou bem alto no meio dos fiéis dizendo:

- Como é orgulhoso este “filho da puta!”.

Maomé absteve-se tranquilamente de fazer qualquer comentário. No entanto, a maioria dos presentes não cessavam de repreender e recriminar o pobre jovem pela sua irreflectida atitude, fundamentalmente pelas palavras proferidas atentatórias da dignidade do profeta e do lugar.

O Aspirante ficou de tal forma envergonhado que nada dizia, escondendo-se visivelmente consternado.

Nisto, o Anjo Gabriel apareceu a Maomé dizendo-lhe:

- Alá saúda-te e quer que digas a essa gente, que cesse de recriminar o pobre jovem. Verdadeiramente, o palavrão por ele proferido tocou mais o seu coração do que as orações de muitos outros. A impureza não está nas palavras, mas na contaminação do coração, não está nas aparências, mas nas essências.

História contada por Jalal ud-Din Rumi (adaptada)

O SENTIDO DAS HISTÓRIAS

Disse um discípulo ao Sage:

- Conta-nos muitas histórias, ensinas-nos por intermédio de parábolas, mas não nos dás qualquer indício revelador do seu significado. Como é que queres que os teus ensinamentos entrem profundamente nos nossos corações e transformem as nossas estreitas mentes?

O Sage tinha uma maçã nas mãos. Olhou-a com a leveza e maciez que lhe era peculiar, e com um sorriso breve e discreto, respondeu:

- Gostarias que te oferecesse esta maçã depois de a ter mastigado e extraído todo o seu suco?

QUEM TIVER OUVIDOS PARA OUVIR QUE OIÇA

Um jovem perguntou ao Sage:

- Porque é que te recusas a ensinar muitos dos que te procuram?
- Porque não é suficientemente séria, porque não quer ser ensinada, mas antes um milagre que lhes destrua o sofrimento sem ter que percorrer o penoso caminho da cura.

E terminou a resposta com as palavras de Confúcio:

- Não ensinar um homem maduro é um desperdício do homem. Ensinar um homem ainda não maduro é um desperdício de palavras.

AS ENFERMIDADES CULTURAIS

Conheço alguém que atingiu um nível avançado de consciência e que começou por estudar teologia. A teologia consiste em especulações sobre matérias inacessíveis até agora ao conhecimento definido, tal como a filosofia, mas apela de preferência à autoridade, quer da tradição quer da revelação, ao invés desta, que apela fundamentalmente para a razão. A teologia induz a crer dogmaticamente que temos conhecimento onde realmente só temos ignorância, e assim produz uma espécie de impertinente arrogância em relação ao universo. Na sequência da licenciatura veio a doutorar-se e quando o referiu a um jovem filósofo nosso amigo, este questionou-o com uma doce ironia : - Que espécie de enfermidade é essa?

Sendo certo que as questões de maior interesse para espíritos especulativos raro têm resposta científica, o teólogo, talvez desiludido com um limitativo dogmatismo, dedicou-se à filosofia. Estruturando-se esta num acto fundamental de liberdade frente à tradição, ao costume e a toda a crença, parecia-lhe propiciar uma busca mais condizente com a Verdade que durante toda a sua vida vinha prosseguindo. Mas, com o tempo, entendeu que a actividade mental é limitada, porquanto o nosso cérebro não se desenvolveu de forma a transcender o espaço e o tempo. Estruturando-se na memória, nunca é totalmente novo e em consequência não é integralmente livre. Afinal, a filosofia baseava-se em palavras e conceitos para penetrar uma Realidade susceptível apenas à mente não conceptualizada. Tinha substituído uma enfermidade maior por uma outra menor.

Esta, curou-a com recurso às parábolas e ao silêncio.

O CAMINHO MAIS FÁCIL

Num dia ensolarado, Nasruddin estava ajoelhado na berma da estrada poeirenta, perto da ombreira da sua porta, concentrado na procura de algo.

Um vizinho que passava questionou-o:

- O que é que o Mullah perdeu?

- As minhas chaves – respondeu Nasruddin.

O vizinho auxiliou-o na busca, e decorrido que foi algum tempo, sem quaisquer resultados, perguntou-lhe:

- Tem a certeza meu bom amigo, de que foi aqui que perdeu as suas chaves?

- Não, vizinho. Perdia-as em minha casa – respondeu o Mullah.

- Meu Deus, estamos a perder o nosso tempo. Porque é então que as procuramos aqui?

- Porque cá fora há muito mais luz – disse Nasruddin com ar sério e convicto da sua razão.

OS DISCÍPULOS DE CONFÚCIO

Confúcio tinha entre outros, quatro discípulos: Yen Hui, Tuan-Mu-Tzu, Chung Yu e Chuan-Sun.

Admitia que o primeiro o superava em franqueza, o segundo na resolução de questões e sua explanação, o terceiro em coragem e o quarto em dignidade.

Pu Shang, um outro dos seus discípulos, conhecendo as afirmações do mestre, perguntou:

- Qual é o motivo pelo qual Yen Hui, Tuan-Mu-Tzu, Chung Yu e Chan-Sun são teus discípulos, quando admities que te excedem manifestamente em qualidades fundamentais?

Confúcio respondeu com a tranquilidade que lhe era peculiar:

- Yen Hui sabe ser franco, mas não sabe como ceder; Tuan-Mu resolve bem os problemas que lhe são postos dissertando com acerto sobre praticamente todos os temas do conhecimento humano, mas é incapaz de dar uma simples resposta, como um sim ou um não; Chung Yu é corajoso, mas desconhece a acção cautelosa; Chuan-Sun tem dignidade, mas não é humilde.

Por isso, sentem todos necessidade de ser meus discípulos.

A IGNORÂNCIA DO QUE É ÓBVIO

Nasruddin vendia ovos como modo de sobrevivência. Um amigo passou em frente da sua loja, e prazenteiramente perguntou:

- Adivinha Nasruddin o que tenho envolvido nas minhas mãos? Serás capaz velho tonto?

Nasruddin pensou, coçou a cabeça várias vezes, levantou o sobrolho, e pediu-lhe um qualquer esclarecimento que lhe permitisse responder acertadamente à adivinha.

O homem disse:

- Vou esclarecer-te detalhadamente, mas não te deixes ludibriar, Nasruddin. Pois bem, o seu tamanho é o de um ovo, a sua forma também, e pode dizer-se que em tudo se lhe assemelha. Tem odor a ovo, sabor de ovo e se lhe partirmos a casca é branco e amarelo. Uma última pista te dou: é a galinha que o põe.
- Eu sei, eu sei, respondeu Nasruddin entusiasmado. É um bolo.

A REALIDADE É O ÚNICO MESTRE

Perguntou um jovem ao Sage:

- Posso ser seu discípulo? Necessito urgentemente de orientação.
- Não – respondeu peremptoriamente –. Eu sou uma parte ínfima da realidade. Volta para a tua aldeia e observa a Realidade no seu todo. Tudo te servirá de Mestre sendo digno desse nome.

A ILUMINAÇÃO E A SIMPLICIDADE

O mestre Zen, no dia em que atingiu a iluminação não parava de dizer:

- Fantástico, é magnífico.
Corto lenha com o machado e tiro água do poço.

A VISÃO LÍMPIDA

Conta-se que Buda terá um dia mostrado aos seus discípulos uma flor extremamente bela, pedindo-lhes que dissessem algo a seu respeito.

Depois de a observarem em silêncio durante alguns minutos, um dissertou longamente sobre a sua beleza, comparando-a à Criação, outro compôs um poema e o terceiro uma parábola, cada um mais preocupado em agradar pela eloquência do que propriamente pela satisfação contemplativa.

Mahakashyap olhou-a, sorriu e não disse nada.

Apenas este a viu.

O FALCÃO NEGLIGENCIADO

Conta-se que Nasruddin foi indigitado primeiro-ministro do Rei.

Já em exercício de funções, no palácio, deparou-se com um falcão real.

Nasruddin já tinha visto muitos pombos, mas nenhum idêntico àquele. Tal facto transtornou-o.

Foi de imediato buscar uma tesoura bem afiada, com a qual lhe cortou as garras, a ponta do bico e terminou aparando-lhe as asas.

Concluída a tarefa exclamou:

- O teu dono tem sido muito descuidado. Agora já te pareces com um pombo.

SALVAR O PEIXE DE MORRER AFOGADO

Na selva equatorial, junto a um rio, encontrava-se um grupo de macacos, do qual se destacava um pela sua constante atenção e dedicação aos outros.

Nisto, vendo um peixe debatendo-se nas areias da margem, correu em seu socorro e colocou-o em cima de dois galhos de uma árvore.

O chefe do grupo, macaco velho, questionou-o com espanto e reprovação:

- Que é que estás tu a fazer, macaquinho de Deus?
- Estou a salvar o peixe de morrer afogado – respondeu com os olhitos bem abertos e uma expressão de meiguice.

A MORTE RACIONAL DE NASRUDDIN

Certo dia filosofava Nasruddin consigo mesmo, em voz alta:

- Vida e Morte... Quem sabe o que serão?

A mulher de Nasruddin encontrava-se num aposento contíguo e não conseguiu deixar de sorrir, exclamando:

- Homens, meu Deus, homens, todos parecidos, quase iguais, sem a menor réstia de espírito prático.

Qualquer um tem consciência de que quando os membros do corpo ficam frios e rijos, é sinal que o ser humano morreu.

Nasruddin ficou boquiaberto. Como era prática a sua esposa.

Os tempos passaram, e num dia de Inverno enquanto ia de um povoado para outro, tendo de percorrer algumas penosas milhas, num caminho atapetado de neve, sentiu as mãos e os pés ficarem completamente gelados e os membros a enrijecerem progressivamente.

Rememorando as sábias palavras da companheira, pensou:

“Estou morto. E estando morto não posso caminhar. Os mortos não caminham nem se mexem, ficam deitados e imóveis.”

De imediato, deitou-se imóvel em cima da neve, ficando cada vez mais gelado, mas sem que se mexesse, comportando-se como um morto.

Decorridas algumas horas, passaram no caminho dois viajantes que o encontraram estendido na neve.

Depois de o observarem, começaram a discutir de estaria vivo ou morto. Nasruddin quis dizer-lhes que estava morto, mas os mortos nunca falam. Assim, manteve-se calado e imóvel.

Os viajantes já plenamente convencidos do decesso de Nasruddin, levantaram-no e lá o foram carregando a muito custo para o cemitério mais próximo, até que

encontraram uma encruzilhada sem que acordassem no caminho a seguir.

Um queria ir pelo da direita, enquanto que o outro pelo da esquerda, e assim se quedaram em acesa discussão.

Nasruddin exasperava e não se conteve:

- Ouçam meus bons amigos, a estrada pela qual me deveis conduzir ao cemitério é a da esquerda. É certo e sabido que os mortos não falam, por isso prometo-vos solenemente que só agora o faço e não o tornarei a repetir.

LOUCO OU MÍSTICO

Desde muito novo fui considerado místico.

Ninguém parecia compreender-me.

O meu pai dizia:

- Não és suficientemente louco para seres internado num hospício nem suficientemente concentrado para seres enviado para um mosteiro.

Não sei o que hei-de fazer contigo.

Eu respondi:

- Puseram certa vez um ovo de pato no ninho de uma galinha. Dele nasceu um pato que seguia a mãe para onde quer que ela fosse, até que um belo dia, levou-a para as proximidades de um lago.

O patinho entrou imediatamente na água, enquanto a mãe galinha desesperava cacarejando na margem.

Pois bem, meu pai, eu entrei no Oceano e não sou culpado do Senhor ter preferido ficar para sempre na praia.

História que o sufi Shams-e Tabrizi conta de si mesmo.

INUTILIDADE DOS LIVROS SAGRADOS

Conta-se que um erudito foi visitar Buda, dizendo-lhe após breve apresentação:

- Permita meu bom Senhor que vos diga: grande parte do que pregais não está nos Livros Sagrados.

- Então transcreva-o – respondeu Buda.

O erudito, um pouco nervoso e intimidado, encheu-se de coragem e disse:

- Parecerá pouco gentil da minha parte, mas bom Senhor, julgo que alguns desses ensinamentos serão mesmo contrários às Escrituras.

- Então corrija-as – disse.

A VIUEZ DE NARUSDDIN

A mulher de Narusddin jazia agonizante no seu leito. Este tentava consolá-la minimizando o seu sofrimento. As suas palavras eram dóceis e de esperança e os seus olhos brilhantes de lágrimas sorriam enganadoramente. Nisto, a companheira disse-lhe numa voz débil:

- Estou convicta de que esta será a minha última noite contigo. A minha partida está eminente, já não verei a aurora.

Como é que vais aceitar a minha morte?

- Vou dar em maluco, mulher – respondeu Nasruddin. Apesar do sofrimento atroz, a dedicada e fiel esposa não conseguiu deixar de esboçar um sorriso, dizendo:

- És um bom malandro. Não me enganas Nasruddin, conheço-te como às minhas mãos. Não passará um mês sobre a minha morte, que não estejas casado de novo.
- Que dizes mulher?! – exasperou-se o pobre Nasruddin –, enlouquecerei mas não tanto assim!

RECRIMINAÇÃO GRATUITA

Quando criança, eu era muito piedoso, extraordinariamente fiel às minhas orações.

Uma noite, velava com o meu pai e outras pessoas, tendo na mão o Alcorão.

A maior parte dessas pessoas começaram a dormir e alguma ressonavam de modo incomodativo.

Disse então a meu pai:

- Estão todos a dormir, já ninguém reza e parecem mortos.

O meu pai respondeu:

- Meu filho, prefiro mil vezes ver-te a ti também a dormir do que ouvir-te recriminar os outros.

Sa'di de Shiraz

OS AMIGOS

Um dos discípulos mais antigos do Mestre, quando este dissertava sobre os inevitáveis relacionamentos a que o ser humano está sujeito, perguntou-lhe:

- Então porque é que não lhe conhecemos amigos?

Respondeu com um sorriso:

- A amizade transformou-se num contrato repleto de cláusulas obrigacionais bilaterais, de expectativas que negam de modo total a essência da afeição. Esta, tal como o amor, não é susceptível de contratualização.

O aluno insistiu:

- Pensa o senhor que não temos necessidade de amigos, da amizade?

Depende – respondeu o Mestre.

- Os tolos não a sabem usar, e os que atingiram a sabedoria dela não necessitam, bastam-se a si próprios.

E isso não é egocentrismo? – replicou outro dos alunos.

- Não, é indiferença afectiva total e gratuita derramada sobre a totalidade da vida.

O AMIGO DO AMIGO, DO AMIGO

Um amigo de Nasruddin foi visitá-lo e levou de presente um pato, que foi logo cozinhado para a ceia e compartilhado com o doador.

Dias depois começaram a chegar pessoas que Nasruddin não conhecia, dizendo cada um ser amigo do amigo que oferecera o pato, e assim iam sendo alimentados e hospedados.

Nasruddin indignou-se com tanta hipocrisia e descaramento.

Nisto, apareceu em sua casa, mais um hóspede, dizendo ser amigo, de um amigo, do amigo que lhe trouxera o pato, aguardando que Nasruddin lhe servisse a ceia.

Este encheu uma malga de água quente e colocou-a à frente de tão abusadora visita.

- Desculpe, mas o que é que me está a servir – perguntou o forasteiro.

O Mullah respondeu:

- É a sopa da sopa, da sopa do pato que me foi oferecido há largos meses pelo meu amigo!

A REPUTAÇÃO

Numa aldeia do norte da Índia havia uma jovem solteira e bastante bela. A sua família apesar de pobre, procurava que o comportamento dos seus membros fosse irrepreensível. No entanto, a jovem engravidou, escondendo o seu estado até que se tornou perfeitamente visível e inequívoco.

O pai, homem grave e algo rude, chamou o médico da vila mais próxima, que lhe confirmou as suspeitas. A partir daí, questionou-a centenas de vezes quanto à identidade do pai da criança. Mas por resposta apenas tinha choro e silêncio. A jovem estava numa angústia de morte e recusava-se a falar.

Nada mais lhe restava. Teria de agir pela força. Por via desta, após múltiplas agressões, a jovem confessou que o pai era o monge budista, que estava no templo em meditação constante.

A notícia depressa se propagou na aldeia, com a conseqüente consternação de uns e indignação de outros, que julgavam o bom monge um santo.

Os pais acompanhados por muita gente da aldeia irromperam no templo, e injuriaram o monge. Não era possível, mesmo impensável, que um homem tão respeitado pudesse ter sido consumido pelos desejos da carne e abusado depravadamente de uma jovem, violando a Santa Regra e os mais básicos princípios éticos. Disseram-lhe, depois de terem esgotado todas as humilhações:

“Sendo o pai da criança, terás de assumir a sua educação e alimentação.”

“Assim seja, assim seja” – respondeu o monge.

Quando o bebé nasceu entregaram-lho, e o monge, por sua vez, confiou-o a uma mulher da aldeia, a troco de uma retribuição acordada.

A partir deste momento a sua reputação ficou completamente destruída. Nenhum aluno o procurou, ninguém quis voltar a ouvir as palavras que haviam julgado sábias. Como é que um pecador podia dissipar as suas dúvidas ou auxiliá-los na busca da Verdade?!

Ainda não tinha decorrido um ano, e a moça cheia de remorsos e sentimentos de culpa, confessou que o monge não era o pai da criança, mas antes um jovem da aldeia por quem se apaixonara, e que não quis incriminar com receio de represálias exercidas sobre o mesmo.

Pais da moça e restantes habitantes da aldeia, arrependidos das acusações falsas que haviam proferido, foram penitenciar-se junto do monge, suplicando-lhe o perdão, e que devolvesse a criança, por não ser sua filha. “Assim seja, assim seja” – respondeu o monge retomando de imediato a meditação que interrompera.

O PESO DA AMBIÇÃO

Numa ilha da Polinésia vivia um jovem pescador cujas qualidades e inteligência superavam em muito a de todos os outros habitantes e as dos comuns mortais. Tinha por hábito pescar apenas o essencial à sua sobrevivência, passando o resto dos seus dias deitado na praia, debaixo de um coqueiro, contemplando o mar azul, o suave movimento das ondas, ouvindo o marulhar e vendo o voo gracioso das aves, enquanto fumava prazenteiramente o seu cachimbo.

Nessa mesma ilha, vivia um missionário cristão, que consciente das imensas capacidades do jovem, questionou-o?

- Porque é que não vais pescar hoje?
- Porque por hoje já pesquei quanto baste – respondeu-lhe o jovem.
- Porque é que não pescas mais do que precisas, já que tens tempo disponível e arte para tanto? – retorquiu o missionário.
- E o que é que eu faria com o excedente?
- Ganharias mais dinheiro, meu bom amigo!
- E depois?
- Com tal dinheiro podias comprar um bom motor para colocar no teu bote, o que te permitiria pescar mais longe, onde o peixe abunda.
- E depois? – voltou o jovem pescador.
- Com esse dinheiro, poderias comprar redes e com essas redes ganharias muito mais dinheiro.
- E depois?
- Depois, com esse dinheiro, poderias comprar um barco novo, apetrechado para o mar alto.
- E depois?
- Poderias comprar com os lucros um novo barco e assim sucessivamente, até que fosses proprietário de uma gigantesca frota, o que faria de ti um homem muito rico.

- E depois de tudo isso, o que faria? – insistiu o tranquilo pescador.
- Depois descansavas, já que não precisavas de trabalhar mais e poderias gozar plenamente a vida.
- Mas afinal, para quê tanto trabalho, para fazer o que já faço hoje, respondeu o pescador.

APENAS DE PASSAGEM

No século passado, um americano foi visitar o rabino polaco Hofez Chaim, transportando consigo duas pequenas malas.

Ficou espantado com a austeridade da sua casa. Livros e mais livros espalhados, e de mobília apenas uma cama, uma mesa e um banco.

Sendo originário de uma sociedade de consumo, e com uma curiosidade quase mórbida, questionou-o:

- Perdoe-me rabino, mas é esta toda a sua mobília?
- E essa é toda a que é sua? – perguntou o rabino apontando para as malas de viagem.
- Mas rabino, eu estou apenas de passagem... – respondeu o americano.
- Também eu meu amigo. Também eu estou apenas de passagem.

O IMPERADOR E O ERMITÃO

Nas montanhas da China vivia um eremita que se dizia possuir uma imensa sabedoria, fama que se estendia por uma vasta região.

O Imperador, tendo conhecimento de tal facto, enviou emissários para que lhe oferecessem o cargo de primeiro-ministro no palácio imperial.

Chegados ao lugar onde se encontrava, após múltiplas peripécias e informações contraditórias dos habitantes do lugar, encontraram-no a meditar, sentado numa pedra nas margens de um rio, e espantaram-se por ser aquele o homem de aspecto simples e miserável a quem o Imperador intentava nomear para tão alto cargo.

Ofereceram-lhe o lugar que o Imperador lhe destinava, dissertando longamente sobre a importância e honorabilidade do mesmo. O eremita ouviu pacientemente tudo o que lhe diziam.

Fez-se silêncio durante alguns minutos, após o que o eremita disse:

“Estais a ver aquela tartaruga que se desloca vagorosamente na lama da outra margem?”

“Vemos, bom Senhor.” – responderam os emissários.

Volveu o eremita: “Conta-se que no palácio Imperial existe num pequeno templo, uma tartaruga embalsamada, com a carapaça coberta de valorosíssimas jóias. É verdade?”

“É verdade Senhor.” – responderam os emissários.

“Digam-me. Achais que aquela tartaruga trocava de lugar com a divinizada tartaruga da corte?”

“Julgamos impossível.”

“Digam então ao nosso Imperador, que me mantereí fiel ao meu destino, e ao tipo de vida que escolhi. Antes vivo nestas maravilhosas montanhas, sulcadas por rios de águas límpidas e percorridas por seres livres e viventes, do que morto e embalsamado no luxo do vosso palácio” – respondeu convicto o eremita.

APRENDER A SER POBRE

Um militante do partido no governo, assessor do primeiro-ministro, encontrou o Sage, com uma velha vestimenta, gasta e descolorada, a viver num casebre sem o mínimo de condições.

Impressionou-o o facto de que um sábio pudesse viver em tão miseráveis condições.

- Se não fosses tão intransigente e te adaptasses ainda que formalmente às nossas ideias e objectivos, não necessitarias de viver nesta pobreza degradante.
- E se tu te tivesses adaptado à pobreza, não necessitarias de te vender aos ricos e poderosos – respondeu o Sage.

A MALGA DA ILUMINAÇÃO

Um velho monge tibetano atingiu a iluminação.

Todos os noviços o questionavam:

- O que é que se transformou em ti?

Respondeu:

- Percebi a efemeridade da vida, o facto de que quando me levanto posso não chegar ao fim do dia.
- Mas não é isso que toda a gente sabe? – retorquiu um dos noviços.
- Em boa verdade, saber, sabemos, mas muito poucos são os que o sentem.

Durante anos, todas as noites virei ao contrário na pequena mesa que tenho junto da minha enxerga a tigela que habitualmente uso para me alimentar.

A partir do dia em que a iluminação me tocou, nunca mais o fiz.

- Não entendo – volveu o noviço.
- Nessa altura necessitava de algo que me lembrasse que no dia seguinte poderia já não necessitar da mesma.

Agora não preciso mais de malga, sinto apenas.

O SEGREDO DA PAZ

Em todas as suas acções o Sage parecia unificado com tudo o que o cercava; com os outros, com a Natureza e com o próprio Cosmos.

Os seus movimentos, nos mais pequenos detalhes eram harmónicos e elegantes. Nada em si denotava ansiedade, inquietude, tudo era Paz, ausência de conflagrações interiores.

Um jovem questionou-o:

- Diga-me, qual o segredo da sua serenidade, dessa Paz que nada parece abalar?

Respondeu o velho Sage:

- A irrestrita cooperação com o inevitável.

SORTE OU AZAR?!

Numa aldeia chinesa vivia um velho sábio que era dono de um macho, o único da aldeia, com que lavrava os seus campos de arroz e ainda os dos outros habitantes. Nesta perspectiva e no meio de toda a pobreza, era considerado por tal facto um homem abastado.

Certo dia, o macho fugiu para as montanhas. Perante tal acontecimento, toda a aldeia se solidarizou com o velho dono do animal.

Diziam-lhe os amigos e conhecidos:

- Que azar o teu, a tua vida vai passar a ser agora tão desgraçada quanto a nossa.

No entanto, o velho sábio, limitou-se a responder:

- Sorte ou azar, quem é que o dirá?!

Passaram-se alguns meses, e o macho voltou das montanhas trazendo consigo uma manada de cavalos selvagens, que logo o velho e o filho trataram de encurralar.

Desta vez, os aldeões diziam-lhe:

- Que sorte a tua, vais ficar riquíssimo, muito mais rico que antes.

E o velho sábio, limitou-se a dizer:

- Sorte ou azar, quem é que o dirá?!

Começou então, o filho a domar os animais. Enquanto montava um deles, o mais obstinado, foi arremessado da montada e fracturou as pernas em várias partes, tendo ficado irremediavelmente inválido.

Agora, os amigos diziam:

- Que azar o teu, o teu filho nunca mais vai voltar a ser o que era.

Voltou o velho a responder:

- Sorte ou azar, quem é que o dirá?!

Decorrido que foi um ano, o Japão declarou guerra à China e todos os mancebos da aldeia foram alistados, à excepção do filho aleijado do velho sábio, acabando por morrer a maior parte deles em combate.

Sorte ou azar, quem é que o dirá?!

O SENTIDO DA VIDA

Um homem passava os seus santos dias com queixumes constantes. A vida não tinha qualquer sentido; tudo era tédio, infelicidade. Não encontrava prazer, admiração ou espanto em nada.

Quando os amigos lhe perguntavam a razão de tão profunda tristeza, limitava-se a responder de modo taciturno:

- A minha vida não tem qualquer sentido.

Quando apenas lhe parecia restar a destruição, decidiu solicitar auxílio ao velho Sage.

Os primeiros meses pareceram-lhe insuportáveis. O bom do Sage pouco ou nada falava. Aprendeu a olhar para as coisas, único modo de “matar o tempo”.

Decorridos dois anos, voltou à aldeia, onde foi acolhido com alegria e com inúmeras perguntas.

- Agora a tua vida já tem sentido?
- Não, respondeu.
- Perdeste então o teu tempo?
- Não.
- Como assim? Se estás como outrora?
- Agora não busco nada e quando busco não sei o que busco.

Não desejo nada e quando desejo não sei o que desejo.

Tenho paz e tranquilidade, que é independente de tudo o que o quotidiano me traz ou possa trazer.

O FARDO DO PENSAMENTO PECAMINOSO

Dois monges budistas caminhavam na direcção do seu mosteiro quando viram junto a um rio de águas caudalosas uma jovem de beleza rara, que o pretendia atravessar, mas temia pela sua vida, pressupondo a existência de fundões.

Um dos monges, pegou-lhe e transportou-a em segurança para a outra margem.

O outro, indignado, não parava de lhe lembrar e relembrar a santa regra de não tocar numa mulher.

- Como foi possível que sem qualquer hesitação tenhas tocado numa mulher, mais ainda, carregando-a encostada ao teu corpo?

Não sentiste tu o desejo que nos aniquila?

Comprometeste-te perante a religião; comprometeste-nos a todos. Não te envergonhas? Não cuidarás de que podemos ser acusados de um incumprimento desonroso?

Cansado de tanta insistência, o monge “prevaricador”, respondeu:

- Vê irmão, aquela bela mulher, já há horas que a deixei na margem do rio, quer no corpo quer no espírito.

Porque é que tu ainda a carregas?

A FÓRMULA TRANSFORMADA EM CRENÇA

Um místico voltava do deserto e ao vê-lo, os amigos perguntavam:

- Diz-nos, por favor, como é Deus?

Mas como poderia ele expressar por palavras, tudo aquilo que acabara de sentir nas profundidades da mente e do coração? Poderia a verdade ser explicada por meras palavras?

No entanto, deu-lhes uma fórmula, inadequada por sinal, esperançado que com ela, alguns fossem tentados a fazer a mesma experiência.

Erro. Da fórmula fizeram um texto secreto e muito especial que impuseram a todos como sendo uma crença obrigatória. Levaram-na até países distantes e derramaram por ela o próprio sangue.

Entristeceu-se o místico, pensando que teria sido melhor que nunca tivesse dito nada.

Adaptação de uma história de Anthony de Mello.

SABEDORIA SEM PALAVRAS ESCRITAS

O jovem visitava todos os dias o Sage, deleitando-se com algumas das suas raras dissertações. Mas, o que mais o impressionava era a sua abertura de espírito, e a capacidade de pôr em dúvida e questionar fosse o que fosse. Não só o fazia, como instigava todos a que o fizessem.

Habitudara-se a pensar com plena autonomia, a observar o mundo e a si próprio, sem recurso a tradições, fórmulas, crenças, opiniões. Os seus livros iam sendo progressivamente destruídos, e em sua casa apenas restavam dois, de uma biblioteca que chegara a ter cerca de três milhares.

Uma noite de Inverno rigoroso, daquelas em que o frio gélido se entranha nas carnes, estando ambos sentados ao lume, disse o Sage:

- Tenho algo para ti. Algo que te pode ser precioso. Um livro que recebi do meu mestre e que antes deste foi de extrema utilidade a várias gerações. Encontrarás nele a resposta a muitas das tuas questões.
- Não necessito de livros. Tudo o que aprendi de ti, será muito mais do que esse amontoado de palavras me poderá oferecer. Assim continuarei – respondeu reverencialmente o jovem.

O Sage insistiu poisando-lhe o livro no colo. O jovem, inesperadamente lançou-o ao fogo crepitante, sendo de imediato consumido pelas chamas

- Que loucura é que estás a fazer?
- Que loucura estás tu a dizer? – disse o jovem.

OLHA DENTRO DE TI

Numa noite quente de Verão, o Sage estava sentado no banco de granito que ladeava o chafariz do centro da aldeia, onde o povo se abastecia gratuitamente de água.

Alguns jovens faziam-lhe perguntas:

- Deus existe?
- Foi Ele quem criou o mundo?
- Há vida depois da morte?
- As almas dos justos são recompensadas?

O velho Sage olhou-os compassivo.

Como não lograssem deixar de insistir nas mesmas questões, disse-lhes:

- O que eu faço aqui, nesta noite magnífica, é vender água do chafariz.

O SIGNIFICADO DA ESPIRITUALIDADE

Perguntaram ao Sage, qual o significado da espiritualidade.

Respondeu:

- É mais do que os livros sagrados te podem dar, mais do que o exemplo de santos e iluminados, mais do que métodos meditacionais e é muito menos que esforço, busca ou desejo de atingir o Absoluto. É o que te leva à transformação interior.
- Sendo assim, como é que a transformação pode ocorrer?
- A transformação só surgirá quando nada desejares, nada mesmo, o que inclui o irresistível anseio de te transformares.

UM PAU DE DOIS BICOS

Um muçulmano pretendia ardentemente que a sua esposa o prendasse com um filho varão. Mas os anos passavam e o seu desejo não era satisfeito. Até que um dia recebeu a notícia que tanto aguardava. A companheira engravidara. E a imensa alegria que enchia de pleno o seu coração, não se ficou por aí.

Nasceu um rapaz, como tão insistentemente havia pedido a Alá.

Logo após o nascimento, organizou uma festa, tendo convidado para o banquete todos os seus amigos e conhecidos, resplandecendo de júbilo o seu semblante.

Entre estes estava um amigo de longa data, residente numa cidade longínqua e que se encontrava de passagem, em peregrinação a Meca.

Volvidos muitos anos, este voltou a fazer a peregrinação e passou na cidade para visitar o amigo, mas foi informado que o mesmo estava preso. Escandalizou-se, já que o tomava por um homem piedoso e cumpridor das santas regras, incapaz de cometer qualquer espécie de acto delituoso.

- Mas que crime cometeu o meu bom amigo? – perguntou incrédulo.
- Nenhum. Foi o filho que se embriagou, assassinou um homem e fugiu. Então o pai foi preso no seu lugar.

Adaptação de história narrada por Sa'di de Shiraz.

A MAIOR DAS RIQUEZAS

Um santo hindu na sua peregrinação pela Índia aproximou-se de uma aldeia e sentindo-se exausto, deitou-se à sombra de uma árvore.

Nisto, surgiu um dos habitantes da aldeia, visivelmente excitado, que o acordou dizendo:

“Desculpa interromper o teu sono, mas peço-te que me dês a pedra que tens.”

“Qual pedra?” – perguntou-lhe o santo homem ainda estremunhado.

“A pedra que encontraste. Ontem à noite, Shiva em sonhos, disse-me que se viesse a este lugar encontraria um homem que me ofereceria uma pedra preciosa, cujo tamanho e valor me tornariam num dos mais ricos da região.”

O santo retirou da sua sacola uma pedra de consideráveis proporções, em bruto, e mostrou-a ao aldeão.

“É esta pedra a que te referes?” – perguntou.

“Encontrei-a ontem por mero acaso numa vereda.”

“É essa, é essa! Meu Deus, que beleza, fantástico.”

“Ofereço-ta. Sê feliz.”

O aldeão olhava para o diamante estarrecido. Nunca se vira nada assim. Agarrou-a com as duas mãos, agradeceu mil vezes ao santo, e partiu na direcção da aldeia, pleno de júbilo.

Durante a noite, tal era a sua excitação, não conseguia dormir. Já passava da meia-noite, quando impaciente se levantou e foi ter com o santo, voltando a acordá-lo.

“Que queres tu agora?”.

“Quero que me dês o que te permitiu desfazer sem mais de uma pedra tão valiosa.” – disse.

SÓ O AGORA EXISTE

Um guerreiro foi detido em combate.

Levaram-no para o cárcere, e teve consciência de que no dia seguinte iria ser cruelmente torturado até que confessasse as posições estratégicas dos seus camaradas. Tal facto gerava-lhe uma angústia de morte. Não tinha posição para adormecer na esteira estendida no chão sujo e fétido.

Nada o incomodava para além do pressentimento de que iria ser torturado até à morte.

A angústia aumentava a cada segundo, impedindo-o de dormir e atormentando-lhe o espírito.

Nisto, lembrou-se com nitidez das palavras do seu velho e carinhoso Mestre de armas.

“Não há passado; não há futuro; só o Agora existe.”

Permitiu que penetrassem no interior da sua alma e em poucos minutos dormia como um justo.

NÃO TER TEMPO PARA NÃO TER TEMPO...

Um jovem da aldeia aproximou-se do Sage, e com alguma timidez e respeito, disse-lhe:

- Há algo que me espanta no Senhor. Tenho-o observado e vejo que todos os seus actos são tranquilos, lentos, sentidos. Nunca o vi apressado ou ansioso. Qual o segredo da sua placidez?
- Não tenho tempo para não ter tempo – respondeu o velho Sage.

VIAJAR NO MESMO LUGAR

Alguém perguntou ao Mestre o significado de uma frase que ouvira:

“O Iluminado viaja sem se movimentar”.

Disse o Mestre:

- Senta-te à janela todos os dias e observa a paisagem em constante mudança no fundo do quintal, enquanto a Terra te transporta na sua viagem anual ao redor do Sol.

Anthony de Mello.

OS NEURÓTICOS

O Sage lembrava-se vagamente daquele jovem que caminhava na sua direcção. Era indubitavelmente o filho do ferreiro, que abandonara a aldeia para estudar na cidade grande.

O tempo passara; mais de cinco anos.

Abraçaram-se efusivamente.

- Que fizeste durante todo este tempo, meu bom rapaz?
- Estudei Psicologia Clínica, e agora tenho um consultório na cidade. Trato daquilo que chamamos doentes mentais, em regra neuróticos.
- E os resultados? – questionou-o o Sage.
- Não são os melhores. É com muita dificuldade que os liberto, quando liberto, dos seus problemas.
- Liberta-os então do problema que lhes causou o problema.
- Como assim, não te entendo?!
- Liberta-os do ego.
- Como é que os posso libertar do ego? – perguntou incrédulo o jovem Psicopatologista.
- Faz com que abandonem os pensamentos e entrem no mundo dos sentidos.

A VISÃO NÃO-INTERPRETATIVA

O Mestre explicou aos discípulos que a Iluminação viria se alcançassem a visão não-interpretativa.

Quiseram saber o que era a visão não-interpretativa.

Eis a explicação:

Dois operários católicos trabalhavam numa rua em frente de um bordel, quando viram um rabino entrar furtivamente no prédio.

- Já era de esperar! – disseram.

Decorrido algum tempo, um Pastor entrou de mansinho, e não houve qualquer surpresa.

- Já era de esperar!

Logo depois chegou o Padre católico da aldeia, de rosto coberto pelo capote, desaparecendo de imediato dentro da casa de má-fama.

- Aconteceu decerto alguma coisa! Uma das garotas deve estar doente – disseram.

Anthony de Mello

CAMINHO PARA A ILUMINAÇÃO

Um discípulo estava a ficar deveras aborrecido com o Sage, porquanto este se recusava a indicar-lhe um caminho seguro para a iluminação.

Tinha-o questionado inúmeras vezes, questionava-o e continuaria a questioná-lo até ao dia em que obtivesse a “receita milagrosa”.

Um certo dia, sentaram-se junto de uma cascata a uns escassos quinhentos metros da aldeia.

A Primavera despontava e as águas do degelo deslizavam pelas rochas numa sinfonia melódica natural.

O espírito do discípulo não cessava de se atormentar e retornou à já tão desgastada questão:

- Quando é que me ensinas o caminho para a iluminação?
- Qual caminho? Não há caminho! – respondeu o Sage.
- Então como é que a posso atingir? –olveu o discípulo.

O Sage olhou alguns segundos para a água em movimento, voltou-se com lentidão para o jovem inquieto e perguntou-lhe:

- Ouves o som da água em queda na cascata? Vês como contorna as pedras e se desfaz momentaneamente em espuma?

O discípulo olhou e ouviu. Após alguns minutos entendeu.

SANTIDADE

Um jovem perguntou o Sage:

- Quem é santo?

O Sage respondeu-lhe com as palavras que terão sido de Buda:

- Cada hora está dividida em minutos, os minutos em segundos. Quem está integralmente presente em cada segundo que passa, esse é certamente um homem santo.

Por isso, o santo não tem consciência de o ser.

DEUS LONGE, DEUS PERTO

Um Sannyasi estava sentado numa pedra junto à margem do rio. O seu olhar não estava pousado em nada, parecendo vagar no vazio infinito.

Um homem aproximou-se e sentou-se junto dele. Conversaram. O Sannyasi estava determinado a encontrar Deus. A sua vida era oração e meditação. Castrara-se voluntariamente para aniquilar o desejo que ardia nas suas entranhas. Mortificava-se quotidianamente para destruir os seus apegos. Tudo com o objectivo de alcançar a Paz na união divina.

Nada deste mundo lhe interessava. A realidade não existia, tal a obsessão com a suprema motivação de atingir o Absoluto.

- E encontrou-O? – perguntou-lhe o homem.

- Não. Estou prestes a desesperar! – respondeu o “santo”.

No entanto, as águas do rio corriam lentamente em direcção ao mar, afagadas pelos raios de sol matutinos, doirando-as. Os arbustos de um verde vivo embelezavam com as suas flores multicoloridas as margens salpicadas de borboletas e libelinhas. O céu ainda apresentava tons de rosa e alaranjados, que se sobrepunham ao azul magnífico de base. A Lua estava no horizonte, majestosa e em todo o seu esplendor, aguardando o momento certo para se recolher temporariamente. Pássaros vagueavam no espaço planando em círculos perfeitos, enquanto outros chilreavam estridentemente nos ramos das árvores. Tudo se conjugava em perfeita sinfonia, até as vozes longínquas dos agricultores que iniciavam a faina nos campos.

E o Sannyasi, insensível à Beleza, buscava o Absoluto...

SERVIÇO POR AMOR

Conta-se que um homem santo, de nome Joneyed, foi a Meca vestido como um mendigo.

Tendo a barba bastante comprida, procurou um barbeiro com o intuito de o barbear. Entrou na única barbearia do lugar, e o barbeiro que se ocupava de um homem rico e poderoso, interrompeu de imediato o que estava a fazer deixando o seu cliente estupefacto e até um tanto indignado com tal desfaçatez e desconsideração.

Fez a barba a Joneyed sem cobrar, e deu-lhe uma esmola.

Se o cliente rico ficou escandalizado, Joneyed ficou enternecido com a atitude, comprometendo-se a dar ao bom do barbeiro todas as esmolas que recebesse nesse dia.

Um peregrino abastado, que havia feito uma promessa, deu um saco cheio de moedas de ouro a Joneyed, que sem delongas correu entusiasmado à barbearia para cumprir o que se havia determinado.

O barbeiro, estupefacto encolerizou-se, dizendo:

- Que homem santo és tu? Onde é que está a tua santidade?

Não te envergonhas de querer pagar um serviço feito com amor e pelo amor?

O NEGÓCIO DO AMOR

O Sage perguntou à prostituta:

- Porque é que negocias o teu amor por dinheiro?
- Não negoceio amor, presto um serviço!
Mas as pessoas ditas sérias, essas sim, não negoceiam o amor?
- Como assim? – questionou o Sage embaraçado.
Bem... Talvez...
Após alguns segundos, que mais pareciam uma eternidade, disse:
- Tens razão mulher. Negoceiam amor por amor.
- E não é tão mau um negócio quanto o outro?! – disse a prostituta.

MORRER EM PAZ

Um jovem estava a ouvir as dissertações do Sage, nas imediações da aldeia, à sombra de uma gigantesca figueira.

Tinha como único bem, uma pequena casa em mau estado de conservação que os seus pais lhe haviam deixado por morte.

Da aldeia chegou a correr um homem que o chamou, em virtude da mesma se encontrar em chamas. Ainda o jovem não se acercara da dita casa e já as labaredas a haviam consumido na íntegra, restando um punhado de escombros e cinzas.

Quando voltou, todos os outros se solidarizaram com a sua desgraça, abraçando-o e consolando-o.

Só o Sage nada disse, o que os indignou por aparente ausência de compaixão.

Percebendo nos rostos e gestos a recriminação, disse:

- Não se preocupem, assim aceitará com muito mais condescendência a inevitável morte.

O DEUS DOS HOMENS

Numa noite de Verão, um homem estava sentado no banco do chafariz, lado a lado com o pároco da aldeia. Falava de Deus. O pároco estava no mais profundo dos silêncios; era velho, sábio e tinha a tranquilidade das noites de luar.

O homem depois de muito ter falado, na sua simplicidade, disse:

- Compreendo tudo. Que Deus é Todo-Poderoso, criador dos céus e da terra, das criaturas, do ar que respiramos. Que tudo está sob a sua Vontade. Que não se nos mostra, mas caso queira pode fazer todos os milagres possíveis e imaginários. Mas há uma coisa que me intriga: Quem é que o fez a Ele?

O Pároco não se conteve, e quebrou o silêncio:

- Você mesmo. Pelo menos esse Deus de que está sempre a falar e é construção da sua mente.

O IMPOSSÍVEL

O que é o impossível, perguntou o filósofo ao Sage.

- É aquilo que nem Deus pode fazer.
- E o que é que Deus não pode fazer?
- Agradar a tudo e a todos.

IGNORÂNCIA OU SABEDORIA?

O Sage era tido por ter experiências incomuns de envolvimento com o Absoluto, com a “Coisa”, como carinhosamente lhe chamava.

Um dos jovens da aldeia não parava de o questionar:

- Quem é Deus? Como é que o sentiste no teu coração?
- Não sei – respondeu o velho Sage.
- Se se manifestou, qual a razão por que se esconde?
- Não sei.
- Como é que me posso aproximar d’Ele?
- Não sei.
- Porque é que permite tantas injustiças e miséria no mundo?
- Não sei.
- Diz-me pelo menos que n’Ele tudo é Amor e Misericórdia.
- Não sei.
- Afinal que sabes tu d’Ele?
- Não sei!

AMOR À SOLIDÃO

Perguntaram ao Sage:

- Porque é que prezas tanto a solidão? Porque é que a procuras com tanta frequência?
- Porque quando estou com a Verdade não há lugar para dois ou mais. É tudo UM.